

Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas

Literary Journalism: conceptual review, history and new perspectives

El periodismo literario: revisión conceptual, historia y nuevas perspectivas

DOI: 10.1590/1809-5844201732

Monica Martinez

(Universidade de Sorocaba, Pró-Reitoria Acadêmica, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura. Sorocaba – SP, Brasil)

Resumo

Este trabalho tem como objetivo propor uma reflexão sobre as raízes históricas, as definições, as práticas e os processos do Jornalismo Literário. A principal conclusão é a de que se trata de um campo em construção, cuja riqueza é justamente a pluralidade de vozes. Os resultados do estudo sugerem a necessidade da criação de três pontes. A primeira do campo da Comunicação com outras áreas do conhecimento, como a Sociologia, Antropologia e Psicologia, uma vez que o tratamento aprofundado de um texto nessa modalidade pede aportes metodológicos e epistemológicos amplos e consistentes. A segunda é a formação de redes de pesquisadores, uma vez que já há um volume considerável de pesquisas desenvolvidas no país. Finalmente, a terceira ponte seria com a comunidade internacional de pesquisadores dessa corrente, com o objetivo de dar visibilidade aos estudos nacionais.

Palavras-chave: Comunicação. Narrativas. Jornalismo. Jornalismo Literário. Histórias de Vida.

Abstract

The aim of this paper is to propose a reflection on the historical roots, concepts, practices and processes of Literary Journalism. The main conclusion is that it is a field in progress, whose wealth is precisely its diversity. The results of the study point to three possible improvements. The first one is to reinforce the connection of Communications with other fields of knowledge, such as Sociology, Anthropology, and Psychology, since the in-depth treatment of this kind of text demands broad and consistent epistemological and methodological approaches. The second is the need to form efficient networks of researchers, since there is already a considerable amount of research that has been carried out in Brazil. Finally, the third issue would be the necessity to build bridges linking the international academic community to the local one, which would increase the visibility of Brazilian studies.

Keywords: Communication. Narratives. Journalism. Literary Journalism. Life stories.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo proponer una reflexión sobre las raíces históricas, definiciones, prácticas y procesos de periodismo literario. La conclusión principal es que se trata de un área en

construcción, cuya riqueza es precisamente la pluralidad de voces. Los resultados del estudio sugieren la necesidad de la creación de tres puentes. El primer del campo de la comunicación con otras áreas del conocimiento, como la sociología, la antropología y la psicología, ya que el tratamiento en profundidad de un texto en este modo pide contribuciones metodológicas y epistemológicas amplias y consistentes. El segundo es la formación de redes de investigadores, puesto que ya hay una cantidad considerable de investigación llevado a cabo en el Brasil. Por último, el tercer puente sería con la comunidad internacional de investigadores en esta corriente, con el fin de dar visibilidad a los estudios nacionales. **Palabras clave:** Comunicación. Narrativas. Periodismo. Periodismo literario. Historias de vida.

O contexto da modalidade

Este trabalho teórico tem como objetivo sintetizar reflexões desenvolvidas pela autora nos últimos 25 anos sobre o tema Jornalismo Literário. Depois de inúmeras pesquisas feitas neste quarto de século, no Brasil e no exterior, talvez a única certeza concreta nesta área seja a de – felizmente – se tratar de um campo em construção. Aliás, sua grande riqueza parece ser a pluralidade de vozes, algumas vezes em acordo, outras dissonantes, mas todas estimulantes no sentido de não se contentarem com receitas de investigação comuns e, conseqüentemente, produzirem achados interessantes.

Do ponto de vista histórico, os estudos em Jornalismo Literário compartilham naturalmente o mesmo *delay* de três séculos que os do Jornalismo como um todo apresentam no país. Isso porque a implantação de gráficas na então colônia portuguesa só seria autorizada em 1808 com a chegada ao Rio de Janeiro da corte lusitana em sua fuga das invasões napoleônicas. O primeiro jornal impresso no Brasil, *Gazeta do Rio de Janeiro*, seria lançado em 10 de setembro de 1808, lembrando que se tratava de um diário pró-governo e não de uma publicação de linha editorial independente (BARBOSA, 2013, p.39). Tratava-se, evidentemente, de uma implantação tardia, se levarmos em conta que já havia tipografias na América Espanhola desde o século XVI. Mesmo em Portugal, as oficinas tipográficas não precisavam de licença para funcionar, embora os impressos necessitassem de aprovação prévia do Conselho Geral do Santo Ofício, do Conselho Ordinário da Diocese e do reino, no caso o Desembargo do Paço. “A tipografia se estendeu a várias colônias portuguesas da Ásia e posteriormente da África. Mas não ao Brasil” (MOLINA, 2015, p.35). Para fins de comparação, desde 1776, com a independência, já haveria liberdade de expressão da mídia dos Estados Unidos, o que para alguns autores estaria relacionado ao sistema capitalista (SODRÉ, 2011). O passado feudal brasileiro seria outro fator restritor, com a gestão do imenso território do país feita por monarcas que doavam a pessoas de sua confiança as capitânicas hereditárias (SODRÉ, 2011). Já para Melo, de cujo tema foi objeto da tese de doutorado publicada em 1972, esse retardo se deveria a uma convergência de fatores sociais, políticos, históricos, econômicos e culturais, como o analfabetismo, a falta de universidades e o pouco comércio interno, com vastas distâncias e pouca mobilidade entre as cidades e os povoados (MELO, 2003), entre outros.

De toda forma, a Independência e criação do Império continuaram ocasionando altos e baixos nos quesitos liberdades e repressões à mídia – o que também impactava os estudos do campo. Convém ressaltar que a liberdade de imprensa foi muito maior no Segundo Império, que teve à frente D. Pedro II (1825-1891). O Imperador era um franco admirador das tecnologias ligadas à comunicação – foi um incentivador da fotografia, entre outras técnicas – e do modelo estadunidense de gestão política (CARVALHO, 2007, p.167). Tanto que uma das primeiras reflexões sobre processos comunicativos data de 1846, quando a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* publicou o artigo “Progresso do Jornalismo no Brasil”, de Francisco Souza Martins. Contudo, o Império ainda se constituía de uma capital apartada dos oito mil quilômetros de costa, seis mil e quinhentos delas no Atlântico e mil e quinhentos nas margens do Amazonas. As comunicações por terra eram feitas arduamente por cavaleiros e comboios de mulas. “Os poucos rios navegáveis eram bloqueados por frequentes quedas d’água e corredeiras” (HALLEWELL, 2012).

Por ser inspirada na imprensa francesa, fortemente politizada, a imprensa nacional em consolidação enfrentou dificuldades significativas em momentos políticos de grande autoritarismo. No caso brasileiro, nominadamente em fases lideradas por ditaduras militares: 1) A República Velha, iniciada com o golpe da declaração da República (1889-1930); 2) A República Nova (1930-1964), em particular na Era Vargas (1930-1945); 3) Finalmente, a ditadura de 1964 (1964-1985) (SCHWARCZ; STARLING, 2015) – talvez o mais estudado período do ponto de vista de estudos de jornalismo. Isso provavelmente porque os pesquisadores brasileiros dos anos 1970/1980 sofreram o duro impacto das restrições de liberdade sob o regime militar. Já as gerações de pesquisadores posteriores, que se iniciaram nos estudos nos anos 1970 e começaram a atuar na pesquisa ao redor dos anos 1990, podem ter enfrentado, em alguma medida, restrições de determinados conteúdos e disciplinas durante seu percurso formativo. E estas gerações certamente foram sensibilizadas pelos movimentos dos processos de redemocratização a partir dos anos 1980, seja ao estudar os conteúdos das publicações midiáticas, seja pelo contato com os docentes que se devotavam a estes conteúdos.

Na primeira metade do século XX, considera-se a fundação do Instituto de Ciências da Informação, o Icinform, feita pelo pernambucano Luiz Beltrão (1918-1986), como marco das reflexões teóricas (MELO, 2015). Apesar dos precursores, contudo, o fato é o de que a pesquisa em Comunicação, como um campo, seria realmente constituída no país nos anos 1970. Neste contexto da implantação tardia da mídia e de momentos com forte restrição de liberdade de expressão, não é uma surpresa que as reflexões sobre Jornalismo e, conseqüentemente, Jornalismo Literário tenham se iniciado igualmente com retardo. Outra característica marcante no caso específico do Jornalismo Literário é o foco predominante dos estudos na interface entre o Jornalismo e a Literatura (LIMA, 1990). Debate, aliás, sem

fim, pois como o jornalista cultural Daniel Piza (1970-2011) bem definiu, são “dois gêneros separados pela mesma língua” (CASTRO; GALENO, 2005, p.133). Neste âmbito, os estudos costumam abordar métodos de análise específicos (BORGES, 2013) ou concentrar-se na questão do escritor “vestido de repórter” (BULHÕES, 2007, p.62), isto é, no qual a profissão é vista como um ganha-pão e uma vitrine para autores que singravam um mercado editorial, que, convenhamos, sempre foi modesto se comparado ao dos Estados Unidos, seja por questões de formação de público consumidor, seja pela de letramento populacional.

A questão do perfil do profissional volta à tona em geral quando o sistema midiático atravessa momentos de crise. Seja a dos anos 1950, quando, após a Segunda Guerra Mundial, decaí a influência do paradigma da mídia francesa – em tese mais opinativa – e ascende a da mídia estadunidense, tida como mais informativa e concisa. Os líderes daquela fase preconizavam a implantação de novos processos tecnológicos e normativos, como os manuais de redação, e seriam taxados por vozes proeminentes de então, como a do jornalista Nelson Rodrigues (1912-1980), de “idiotas da objetividade” (COSTA, 2005, p.124). Prova de que mudanças paradigmáticas não costumam ser aceitas de forma pacífica pelas comunidades (KUHN, 1982) e de que a noção evolucionista e positivista de que o futuro guarda o melhor não é necessariamente um fato comprovado.

De toda forma, um segundo grande momento de tensão se manifestaria a partir do final dos anos 1990, com o desenvolvimento da *Internet* e, por extensão, das mídias e ambientes digitais, que alavancaria uma transformação sem precedentes na prática e nos modelos de gestão jornalísticos. A princípio, enquanto essa configuração não ficou mais clara, a reflexão teórica assumiria uma perspectiva apocalíptica, que colocava a própria concepção de jornalismo em risco (MEYER, 2007). Seriam necessárias décadas para que as instituições jornalísticas percebessem que seu mercado não se constituía de venda de papel, mas de conteúdo noticioso, e que seu público buscava e estava disposto a pagar pela credibilidade propiciada pelas técnicas tradicionais praticadas por seus profissionais, como a apuração dos fatos. E aprendessem novas formas de lidar com a mudança, como o sistema *pay wall*, no qual apenas parte do conteúdo é liberada. “A lealdade não é atingida exclusivamente pela inclusão de formas de interatividade, mas principalmente por prover conteúdo de qualidade, e também por atrair a audiência em um projeto noticioso participativo” (MASIP et al., 2015, p.248 – Tradução nossa).

Este cenário de precarização do universo de trabalho no qual o jornalista está imerso (PAULINO; NONATO; GROHMANN, 2013), que decretou o fim das grandes redações e a emergência de um perfil profissional mais ligado ao empreendedorismo e à inovação, evidentemente teve implicações na prática do Jornalismo Literário. Modalidade que, enquanto representante de um gênero que valoriza a narrativa (CASTRO, 2010), em geral precisa de mais tempo para a apuração e redação.

Mas afinal, o que é Jornalismo Literário?

Aparentemente, até agora todas as tentativas de definição sobre Jornalismo Literário redundaram em fracasso (CASTRO, 2010). Afirmção correta, pois não há de fato consenso sobre este termo, seja no Brasil ou no exterior. Para fins argumentativos, contudo, podemos propor que é justamente esta porosidade conceitual o segredo do sucesso da práxis e do pensamento sobre Jornalismo Literário. Já em 1995, o jornalista e estudioso estadunidense Mark Kramer ilustrava que, até então, o Jornalismo Literário tinha sido uma forma “*you-know-it-when-you-see-it*” (“você sabe quando a vê” – Tradução nossa), para dizer que mesmo nos Estados Unidos ela estava em processo de sistematização (KRAMER, 1995).

Não por acaso esta forma seria conhecida nos dois países por variados nomes, como “Jornalismo Narrativo, Literatura da Realidade, Literatura Criativa de Não Ficção” (LIMA, 2016), entre outros. No Brasil, há uma corrente que caracteriza a modalidade como parte integrante do gênero diversional (MELO; ASSIS, 2010), não no sentido de entretenimento, mas de diverso (COSTA, 2015, p.76), estando mais ligada ao estudo do formato do que propriamente do conteúdo ou dos processos produtivos. Há também alguns termos mais recentes, como *Longform Journalism* (LONGHI; WINQUES, 2015), igualmente mais relacionado à forma e aos ambientes digitais, em contraposição à estética e à experiência, como defendida no mais recente livro do estudioso estadunidense Hartssock (2016). Quando se fala em *Jornalismo Narrativo*, estamos em geral nos remetendo ao grupo da Fundação Nieman, o braço jornalístico da Universidade Harvard, nos Estados Unidos, particularmente ao período em que esta fundação foi dirigida pelo docente Mark Kramer, no início dos anos 2000. O termo *Literatura da Realidade* remete a um dos grandes expoentes da prática, o estadunidense Gay Talese (TALESE; LOUNSBERRY, 1995), que entende que o jornalista pode empregar recursos literários para reportar melhor a realidade que está cobrindo. Já *Literatura Criativa de Não Ficção* é uma tradução do espanhol *Periodismo informativo de Creación*, que remete à escola *Fundación Gabriel García Márquez para El Nuevo Periodismo Iberoamericano*. Mas não é raro vários pesquisadores caírem em tentação de propor seu próprio termo, como um astrônomo que imagina estar visualizando uma nova estrela. Por outro lado, há uma tendência de se empregar terminologias, como Novo Jornalismo, como se fossem descoladas desse movimento, embora a autora deste artigo entenda que se trata de uma fase do Jornalismo Literário, provavelmente a que teve maior repercussão midiática, ligada aos anos 1960-1970, em particular nos Estados Unidos por meio de nomes como Norman Mailer (1923-2007), Gay Talese e Tom Wolfe, entre outros. Há também controvérsias entre os estudiosos sobre se outras propostas específicas, como o Jornalismo Gonzo (RITTER, 2015), fariam parte do escopo do Jornalismo Literário, dadas as condições de produção desta modalidade.

Seja como for, a cena II do ato II de Romeu e Julieta, do dramaturgo inglês William Shakespeare (1564-1616), pode ser uma boa explicação para este fenômeno: “*What’s in a name? That which we call a rose by any other name would smell as sweet*” (SHAKESPEARE, 1998). Em tradução nossa: “O que há em um nome? O que chamamos de rosa, por qualquer outro nome, exalaria um perfume igualmente tão doce”. Em outras palavras, o mais importante parece ser a observação do fenômeno jornalístico que envolve a produção destas peças aprofundadas, e não se enredar em barreiras de linguagem. Neste sentido, ninguém até agora foi mais feliz que o estudioso estadunidense John C. Hartsock ao afirmar que não há uma designação universal. Sem a intenção de resolver definitivamente a questão, ele diz ter decidido optar pelo termo Jornalismo Literário devido a compreensão de que os textos em consideração são narrativos. “Futuras discussões entre acadêmicos poderão construir culturalmente uma nomenclatura definitiva, se tal nomenclatura for possível” (HARTSOCK, 2000, p.11 – Tradução nossa).

As origens do Jornalismo Literário

A busca das origens do Jornalismo Literário remete a um debate interessante. Lima (2010) sugere que o termo foi cunhado nos Estados Unidos na década de 1930. Para Pena (2006), sua base seria o medo, no sentido de ser preciso organizar relatos para reportar informações à comunidade. Logo, “começa junto com a primeira comunicação humana, ainda na Pré-História” (p.25). Segundo Castro, “passar notícias de forma literária remonta aos egípcios” (CASTRO, 2010, p.11). Todas essas afirmativas podem ser questionadas e paradoxalmente consideradas verdadeiras, mas adotaremos a noção de que ele surge mais tarde, ao redor do século XVIII, quando as características modernas do Jornalismo e, por extensão, do Jornalismo Literário podem ser identificadas: periodicidade, atualidade, universalidade e publicidade (GROTH, 2011).

No Brasil, os principais exemplos remontam ao século XX por meio do estudo de dois autores consagrados: Euclides da Cunha (1944) e João do Rio (1976). Da mesma forma que autores como o inglês Charles Dickens (1812-1870) e o estadunidense Mark Twain (1835-1910), contudo, Cunha e Rio podem ser considerados precursores do Jornalismo Literário da forma como é praticado na contemporaneidade (MARTINEZ, 2016).

O engenheiro carioca Euclides da Cunha (1866-1909), provavelmente o autor nacional mais estudado em Jornalismo Literário, cobriu a insurreição de Canudos para o jornal *O Estado de S.Paulo* em 1897. Pelos cinco anos seguintes, usou o material excedente para escrever *Os Sertões*, lançado em 1902, obra traduzida nos anos 1940 para o inglês e até hoje no catálogo da editora da Universidade de Chicago (CUNHA, 1944). Já João do Rio era o pseudônimo do multimídia da época Paulo Barreto (1881-1921), que fazia imersões na sociedade carioca para fazer relatos de profundidade como os do seu livro *As Religiões do Rio* (RIO, 1976). Apesar de extintas, as revistas *Realidade* e o *Jornal da*

Tarde continuam referências num cenário que tem se aberto com a criação de revistas como *Brasileiros* e *piauí*, além de *sites*, inclusive os independentes. O mais recente ganhador da categoria texto do Prêmio Gabo 2016, da *Fundación Nuevo Periodismo Iberoamericano (FNPI)*, por exemplo, foi “São Gabriel e seus demônios”, de Natalia Viana (VIANA, 2016). A reportagem foi publicada em 15 de maio de 2015 na *Agência Pública de Jornalismo Investigativo*, que propõe um modelo de jornalismo sem fins lucrativos com o objetivo de manter a independência. As reportagens são reproduzidas por uma rede de mais de 60 veículos, sob a licença *Creative Commons*.

Apesar dos ambientes digitais, contudo, no Brasil os livros-reportagem seguem sendo o lugar privilegiado onde o Jornalismo Literário pode ser observado em toda sua potencialidade (LIMA, 2009).

Uma modalidade para poucos

Para Lima (2010), o Jornalismo Literário ocupa uma posição especial na cultura contemporânea, mas não “é a forma de jornalismo mais popular, nem a mais constante. Tampouco é o estilo dominante na imprensa. Como não é o maior, resta-lhe ser diferente” (p.9). Destacamos duas observações neste contexto:

Formação profissional. Os expoentes mais significativos de Jornalismo Literário em geral possuem uma cosmovisão de mundo humanizante e abrangente, que tenta ser compreensiva (KÜNSCH, 2014; MARTINO, 2014) para dar conta de relatar o complexo mundo em que vivemos (MORIN, 2007). Essa visão ampla exige, além do domínio de recursos literários e técnicas jornalísticas, conhecimento em vários campos, como História, Sociologia, Psicologia e Antropologia, entre outras. Pede, também, um profissional com sensibilidade apurada para a questão da alteridade, isto é, a abertura para a tentativa da compreensão do outro, sem que haja necessidade de endossar a visão de mundo. Afinal, sabemos de antemão o que já conhecemos sobre o mundo alheio. Interessa descobrir o que o outro pensa, sente e faz para criar relatos imersivos e envolventes.

O mercado profissional. Uma vez que se tenha um profissional qualificado para a prática, é necessário um campo fértil para acolher esse material produzido. A grande crítica ao Jornalismo Literário é a de que não há mais espaço para ele no mundo contemporâneo. A experiência, contudo, nos revela que há espaço sim, embora não hegemônico, e que os jornalistas talentosos conseguem, ao longo do tempo, impor seu estilo, embora não raro por meio da persistência. Mesmo nos diários de grande circulação como *Folha de S. Paulo* e *Estado de S. Paulo*, no caso paulista, é possível encontrar profissionais de desempenho notável. Há, também no mundo atual, jornalistas responsáveis por muitos veículos corporativos que, caso possuam a visão necessária, estão em posição de influenciar os gestores a abrir espaços para as boas práticas. Às vezes os espaços parecem não ser aproveitados não pela sua ausência, mas pela falta de planejamento. Um exemplo são as efemérides de cobertura anuais, como

dia das mães e pais, que poderiam ser melhor aproveitadas se os responsáveis planejassem um calendário anual que previsse o tratamento mais aprofundado e criativo nestas ocasiões, a exemplo do que ocorre nas publicações estadunidenses.

Desdomesticar os olhos e grandes expoentes

Não se pretende aqui apresentar uma relação de nomes, mas antes delinear um argumento sobre o que faz do Jornalismo Literário algo autoral. Possibilita, portanto, a cada autor apresentar seu modo de ver e relatar o mundo. Consequentemente, sobretudo no caso de produtos como livros-reportagem, favorece ao leitor a possibilidade de escolha a partir de visões que sejam semelhantes, complementares, diferentes ou mesmo diametralmente opostas a do(a) leitor(a), como ele(a) preferir. Neste sentido, um aspecto interessante do Jornalismo Literário é justamente a possibilidade de se acompanhar os altos e baixos da produção de um mesmo autor, uma vez que podemos apreciar uma peça produzida e desgostar de outra que venha em seguida. Como não é padronizada, a produção é viva, em constante processo, sujeita a erros e acertos.

Essa noção leva a outra, bem importante. Como um cacto plantado em terra úmida ou uma árvore da Amazônia transplantada para um deserto, um autor talvez não esteja no seu ponto ótimo se não estiver ocupando um espaço que lhe permita florescer. E se o universo jornalístico perdeu as redações gigantescas presentes até o final dos anos 1990, ganhou em multiplicidade de opções, algumas que independem de instituições jornalísticas. É o caso dos ambientes digitais e, nestes, das redes sociais, que estão levando muitos usuários que alcançam sucesso e visibilidade a receber propostas de inserção em meios comunicacionais tradicionais, como televisão e livros-reportagem. Por outro lado, os usuários das redes bem-sucedidos têm intuitiva ou conscientemente noção de que estão projetando uma identidade e cultivando notícias de interesse comum a uma dada comunidade, nutrida por meio de características atribuídas ao jornalismo, em particular ao especializado, como periodicidade, contemporaneidade e especificidade. Mais uma vez isto exige planejamento, uma vez que a cobrança agora não vem de fora (um editor, um prazo, um espaço físico, uma remuneração mensal), mas do jornalista como empreendedor.

Em vez de falácias, pesquisas

Há algumas discussões no campo que já atravessam séculos e se seguem sendo debatidas é porque continuam relevantes, sobretudo para quem está iniciando nestes estudos. Vamos comentar três delas. A primeira é a noção de objetividade que o Jornalismo Literário não teria. O fato é que ao analisarmos reportagens que possuem elementos de Jornalismo Literário, o que em geral se nota é um exaustivo trabalho de investigação. Apuração rigorosa, portanto, não raro por longos períodos de tempo, é uma das premissas básicas já explicitadas por Kramer em uma das obras seminais do assunto (KRAMER; SIMS, 1995).

A segunda é a de que Jornalismo Literário seria composto por textos floreados, contendo elementos como o nariz de cera do jargão jornalístico – aberturas de matéria que não empregariam a fórmula do *lead*. O interessante é que já em 1970 um dos expoentes do Jornalismo Literário estadunidense, em sua fase intitulada Novo Jornalismo, lançou um livro no qual postulava os recursos literários com os quais os jornalistas compunham suas peças jornalísticas: a construção cena a cena; o uso de diálogos; os símbolos de *status* de vida e, mais difícil de ser encontrado, o ponto de vista flexível (WOLFE, 2005). Neste âmbito, uma tese recente aprofunda-se na divisão entre autor (mediador social demarcado pela formação e ligado a um ofício) e narrador (uma criação do autor, que existe para narrar a obra a partir de uma dada perspectiva) em jornalismo, chegando à conclusão de que ainda hoje os jornalistas nacionais usam este recurso de forma intuitiva, não intencional (MARTINS, 2016).

Finalmente há a alegação de que os leitores não teriam interesse em obras mais longas, sobretudo em suportes digitais. O que é uma contradição, se notarmos que novas denominações, como o *Longform Journalism*, justamente são característicos dos ambientes digitais. Uma pesquisa realizada sobre a obra da jornalista Eliane Brum suscita ponderações: “No portal da revista Época, Brum aceita o ritmo temporal de produção semanal, respeitando rigorosamente o *deadline*, mas se apropria com gosto do espaço ilimitado” (MARTINEZ, 2014, p.75). Um exemplo é *Testamento Vital*, entrevista realizada com o cardiologista José Eduardo de Siqueira, que possui tamanho considerável: 43.986 caracteres. “(...) este estudo revela que o fenômeno da vinculação (MENEZES, 2007) com um jornalista-autor fala mais alto do que eventuais limites de sua produção” (MARTINEZ, 2014, p.75). Estaríamos no campo, portanto, das vinculações movidas a afetos, base da Comunicação como defendem teóricos importantes do campo (BAITELLO JÚNIOR, 2014; SODRÉ, 2006). O desafio, aparentemente, seria estabelecer esta vinculação afetiva do texto com o leitor. Uma vez estabelecida a interação, aparentemente o tamanho passa a ter importância diminuída na leitura.

Muito além da Literatura

Dos jornalismos, o Literário compartilha a necessidade de apuração criteriosa do fato – não se admite invenção –, bem como a ética nas relações com fontes e leitores. Vimos em Wolfe (2005) os quatro recursos que ligam o Jornalismo à Literatura.

Contudo, o Jornalismo Literário ultrapassa essa interface, estabelecendo relações com outros saberes, como a Sociologia, em particular por meio de técnicas imersivas como a observação participante. Neste contexto, a pesquisa participante consistiria “na inserção do pesquisador no ambiente natural de ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada” (PERUZZO, 2017, p.162). Segundo a pesquisadora, esta modalidade de estudo científico, que impactou os estudos do campo da Comunicação nos anos de 1980

e início da década de 1990, apresentou um declínio de uso no ambiente acadêmico, desde então, devido à crise dos paradigmas marxistas. Para Peruzzo, no entanto, haveria evidências de um reavivamento do interesse por esta metodologia de pesquisa na atualidade.

A relação entre as áreas da Comunicação e Informação, na qual se insere o Jornalismo, e da Sociologia, remetem naturalmente aos estudos da Escola de Chicago, particularmente nos anos 1930. “A função da notícia é orientar o homem e a sociedade num mundo real. Na medida em que o consegue, tende a preservar a sanidade do indivíduo e a permanência na sociedade”, sugere um de seus principais expoentes, o jornalista estadunidense Robert Park (1864-1944) (1972, p.183). Um grande defensor do método empírico, talvez por sua formação jornalística, Park defendia a observação dos indivíduos não de forma isolada ou a partir dos gabinetes acadêmicos, mas por meio da imersão nas comunidades marginalizadas das periferias de Chicago na primeira metade do século XX, um efervescente cadinho constituído de diferentes povos migrantes, com suas respectivas práticas culturais que eram assimiladas ou rejeitadas por meio das tensões, osmose e entropias vinculadas ao novo espaço urbano. Assim, o jornalismo estaria ligado não apenas a possibilitar aos indivíduos ficarem cientes dos acontecimentos, de forma a poderem se posicionar diante deles, mas também estariam relacionados a determinadas noções, como pertencimento identitário e, sobretudo, atuação social.

A Psicologia igualmente contribuiria com as correntes que permitem compreender em profundidade os fatores psíquicos que movem de forma consciente ou inconsciente o indivíduo e os grupos sociais. Deste modo multidisciplinar,

[...] podemos compreender o Jornalismo Literário do século XXI como a modalidade de prática jornalística que emprega métodos de captação e observação da realidade das Ciências Sociais, área onde o jornalismo se insere. Uma vez selecionados, esses dados, ressignificados a partir da experiência do profissional, são redigidos com técnicas provenientes da literatura com o objetivo de criar um relato não-ficcional envolvente, que permita a compreensão aprofundada do tema. (MARTINEZ, 2012, p.120).

É este conjunto de arcabouços conceituais, técnicos, estéticos e éticos que poderia permitir ao jornalista literário “ultrapassar a camada superficial do real, mergulhando nas dimensões mais profundas da realidade de forma a apurar, resgatar, compreender e, finalmente, relatar de uma forma mais integral os sentidos, os nexos e as conexões existentes no acontecimento” (MARTINEZ, 2014, p.66).

Histórias de vida em um cenário complexo

Muito se tem falado, e com razão, sobre o papel central do ser humano nestas narrativas contemporâneas (VILAS-BOAS, 2008, 2014). Lima ressalta a importância

deste mergulho profundo no mar interior do indivíduo, o que certamente torna bem-vindos conhecimentos das ciências psicológicas (LIMA, 2010, p.89). Importante destacar que a história de vida é um método consagrado em várias áreas do conhecimento (MARTINEZ, 2015), oferecendo ao jornalista literário um amplo leque de possibilidades, como a história de vida familiar preconizada pelo sociólogo francês Bertaux (2010), que é empregada por estudiosos latinoamericanos, como o mexicano Jorge González, da Universidade Autônoma do México.

De uma certa maneira, uma vez que as histórias de vida se constituem no cerne do Jornalismo Literário, elas teriam na medida do que fosse possível ao jornalista literário o potencial de ampliar a tentativa de compreensão sobre si mesmo e sobre o outro, num notável exercício de alteridade que se estende à relação com a comunidade e/ou a sociedade na qual ambos se inserem. Além dos aspectos individuais e sociais, não ficariam à parte, sobretudo no caso brasileiro, a tentativa de compreensão das relações com os respectivos “cosmos” nos quais ambos se encontram inseridos, integrando-se aqui as abordagens vinculadas às sutis camadas dos imaginários que cada ser humano está inserido, conscientemente ou não, mas também as percepções, aberturas e negações ligadas aos mistérios inerentes à vida humana – que, aliás, jamais serão passíveis de explicação reducionistas e absolutas.

Além deste mergulho compreensivo interno, portanto, é preciso estar atento às inúmeras conexões que ligam a pessoa e grupos sociais a vários sistemas, entre eles o midiático. Trata-se do chamado ecossistema (MARTINEZ; MENEZES, 2014), que Robert Park já chamava, na década de 1930, de ecologia humana.

A importância das referências

Que o jornalismo está em crise já se sabe desde o início do século XXI. Por isso, parece ser mais produtivo do ponto de vista de pesquisa focar nos exemplos de profissionais e instituições que estão conseguindo oferecer caminhos, se não perfeitos, ao menos possíveis. E, a partir da reflexão destes casos, tirar possibilidades aplicáveis para cada caso. Há, sempre, os bons exemplos advindos de revistas tradicionais neste campo. Para os que dominam outros idiomas, como o inglês, um deles seria a *New Yorker*, produzindo material de excelência desde 1925. Não é nem mais preciso investir recursos financeiros nesta empreitada de se manter atualizado, pois os veículos liberam certa proporção de seu material gratuitamente em suas redes sociais ou *newsletters*.

Talvez, neste campo das referências, além do estudo sério do assunto e do acompanhamento das novidades, seja importante certa serendipidade, isto é, se deixar ser surpreendido por material de qualidade onde não se esperaria encontrá-lo. A jornalista Eliane Brum, em palestras, costuma revelar que é uma leitora voraz de tudo, incluindo caixas de cereais e bulas de remédio. É esse olhar curioso que permite identificar ângulos novos em cenários conhecidos.

Considerações finais sobre conhecimento, diálogos acadêmicos e futuro

O professor Edvaldo Pereira Lima, docente aposentado do Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, é uma das referências no ensino e na pesquisa em Jornalismo Literário, sobretudo no Estado de São Paulo, tendo formado vários pesquisadores desde os anos 1990. Neste último quarto de século vários outros profissionais começaram a teorizar sobre a modalidade, refletindo-se em produtivas discussões em vários cenários e universidades espalhadas pelo país, o que já no final dos anos 2000 nos levava a apontar o fenômeno da expansão do gênero (MARTINEZ, 2009). Em um cenário em franco processo de mapeamento, alguns autores começaram a se especializar num dado segmento de estudo, como é o caso do Jornalismo Literário e sua relação com a Ciência (PASSOS; NERING; CARVALHO, 2010).

A oferta de cursos de *lato sensu*, como a Academia Brasileira de Jornalismo Literário, atualmente Pós-Graduação em Jornalismo Literário, também ajudou na última década a formar profissionais com uma visão ampliada de possibilidades de práticas e processos nesta modalidade.

Contudo, destaca-se aqui a relevância dos encontros acadêmicos, que ao longo destes anos reúnem estudiosos dedicados ao ensino e à pesquisa da temática. Um ponto a se enfatizar é que, devido a várias demandas institucionais, nem sempre o termo Jornalismo Literário é identificável na produção e nas disciplinas oferecidas pelos pesquisadores, sobretudo em Programas de Pós-Graduação *strictu sensu*. Isso porque os docentes têm o desafio de alinhar seus estudos às áreas de concentração, linhas e grupos de pesquisa peculiares a cada programa para atender as orientações propostas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), fundação do Ministério da Educação (MEC) que regula os programas de mestrado e doutorado no país.

Ainda assim, espaços de debate como o propiciado desde 1977 pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) no país, em particular o Grupo de Pesquisa em Teorias de Jornalismo, desde 2004 fomentam a construção do campo de forma gradual e sólida. É importante ressaltar também o esforço feito por estudiosos brasileiros para estabelecer laços e dialogar com grupos de pesquisa de Jornalismo Literário no exterior. É o caso da *International Association for Literary Journalism Studies (IAJLS)*, fundada na França em 2006, que tem como missão congregar pesquisadores de todo o mundo para incentivar a pesquisa acadêmica e a educação em Jornalismo Literário a partir da premissa de que o termo se trata de jornalismo como literatura em vez de jornalismo sobre literatura. Em 2016, graças à iniciativa do professor Juan de Moraes Domingues, da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), a conferência foi realizada pela primeira vez na América Latina.

A participação neste universo que congrega especialistas mundiais no tema, como Norman Sims, professor emérito da *University of Massachusetts Amherst*, e John C.

Hartsock, do departamento de Estudos em Comunicação da *State University of New York College at Cortland (Suny Cortland)*, permite a inserção de pesquisas nacionais no cenário internacional, ampliando as chances de publicação em livros e revistas científicas dedicadas ao tema (LIMA; MARTINEZ, 2014; DOMINGUES; TRINDADE, 2014, entre outros). É o caso de obras como *Literary Journalism across the Globe: Journalistic Traditions and Transnational Influences*, organizado pelos professores Bak e Reynolds (2011). Em pleno século XXI, os estudos em Jornalismo Literário desenvolvidos no país estão, como a água, ocupando os espaços possíveis no cenário internacional.

As estratégias de ensino e pesquisa em Jornalismo Literário nem sempre são simples, visíveis ou mesmo apresentam resultados rápidos. Contudo, são elas que estão possibilitando aos pesquisadores avançarem não mais de forma isolada, mas como parte integrante de um campo de estudos. Como disse o epistemólogo francês Edgard Morin, vivemos em um “mundo que agoniza, mas um novo mundo ainda não consegue nascer” (MORIN, 2016). Como sempre acontece em momentos de parto, há tensão entre sombras e vislumbres de luz. E essa possibilidade de presenciar algo prestes a nascer é ao mesmo tempo perturbadora e inspiradora.

Referências

- BAITELLO JÚNIOR, Norval. **A era da iconofagia**: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014.
- BAK, John; REYNOLDS, Bill. **Literary journalism across the globe**: journalistic traditions and transnational influences. Amherst, Boston: University of Massachusetts Press, 2011.
- BARBOSA, Marialva. **História da comunicação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida**: a pesquisa e seus métodos. Natal/São Paulo: EduFRN/Paulus, 2010.
- BORGES, Rogério. **Jornalismo literário**: teoria e análise. Florianópolis: Insular, 2013.
- BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.
- CARVALHO, José Murilo de. **D. Pedro II**: ser ou não ser. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CASTRO, Gustavo de. **Jornalismo literário: uma introdução**. Brasília: Casa das Musas, 2010.
- _____; GALENO, Alex. (Eds.). **Jornalismo e literatura**: a sedução da palavra. 2.ed. São Paulo: Escrituras, 2005.
- COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel**: escritores jornalistas no Brasil - 1904-2004. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- COSTA, Lailton Alves da. Gêneros jornalísticos. In: MELO, José Marque de; ASSIS, Francisco de (Orgs.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2015. p.43-83.
- CUNHA, Euclides da. **Rebellion in the Backlands**. Chicago: University of Chicago Press, 1944.
- DOMINGUES, Juan; TRINDADE, Alice. New journalism in Portuguese: from 19th century Literary Journalists to the present day. In: KEEBLE, Richard Lance.; TULLOCH, John (Eds.). **Global Literary Journalism: exploring the journalistic imagination**. New York: Peter Lang, 2014. p.235-245.

- GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido**: fundamentos da ciência dos jornais. Petrópolis: Vozes, 2011.
- HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. 3.ed. São Paulo: Edusp, 2012.
- HARTSOCK, John C. **A history of American Literary Journalism**: the emergence of a modern narrative form. Amherst: University of Massachusetts Press, 2000.
- _____. **Literary journalism and the aesthetics of experience**. Amherst, Boston: University of Massachusetts Press, 2016.
- KRAMER, Mark. Breakable Rules for Literary Journalists. In: SIMS, Norman; KRAMER, Mark. (Eds.). **Literary journalism**: a new collection of the best American nonfiction. New York: Ballantine Books, 1995. p. 21–34.
- _____; SIMS, Norman (Eds.). **Literary journalism: a new collection of the best American nonfiction**. New York: Ballantine Books, 1995.
- KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- KÜNSCH, Dimas Antônio. A comunicação, a explicação e a compreensão: ensaio de uma epistemologia compreensiva da comunicação. **Líbero**, v.17, n.34, p.111–122, 2014.
- LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. São Paulo: Com-Arte/Edusp, 1990.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4.ed. São Paul: Manole, 2009.
- _____. **Jornalismo literário para iniciantes**. São Paulo: Clube de Autores, 2010.
- _____. **Jornalismo literário**. Disponível em: <<http://www.edvaldopereiralima.com.br/index.php/jornalismo-literario/conceitos>>. Acesso em: 4 jul. 2016.
- _____; MARTINEZ, Monica. Eliane Brum: new star in Brazil’s Literary Journalism firmament. In: KEEBLE, Richard Lance; TULOCH, John (Eds.). **Global Literary Journalism: exploring the journalistic imagination**. New York: Peter Lang, 2014. p.171–181.
- LONGHI, Raquel Ritter; WINQUES, Kérley. The place of longform in online journalism: quality versus quantity and a few considerations regarding consumption. **Brazilian Journalism Research**, v.11, n.1, p.104–121, 2015.
- MARTINEZ, Monica. Jornalismo literário: um gênero em expansão. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v.32, n.2, p.199–215, 2009.
- _____. O jornalismo literário e a mídia sonora: estudo sobre o programa Conte Sua História de São Paulo, da Rádio CBN. **Líbero**, v.15, n.29, p.111–124, 2012.
- _____. O jornalista-autor em ambientes digitais: a produção da jornalista Eliane Brum para o portal da Revista Época. **Comunicação Midiática**, v.9, n.1, p.56–77, 2014.
- _____. A história de vida como instância metódico-técnica no campo da Comunicação. **Comunicação & Inovação**, v.16, n.30, p.75–90, 25 fev. 2015.
- _____. **Jornalismo literário: tradição e inovação**. Florianópolis: Insular, 2016.
- _____; MENEZES, José Eugênio de Oliveira. Do ego para o eco-sistema: vínculos e afetos na contemporaneidade. **Comunicologia**, v.7, n.1, p.263–280, 2014.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. A compreensão como método. In: KÜNSCH, Dimas Antônio et al. (Eds.). **Comunicação, diálogo e compreensão**. São Paulo: Plêiade, 2014. p.17–37.

- MARTINS, Jaqueline Lemos. O autor e o narrador nas tessituras da reportagem. 2016. Tese (Doutorado em Teoria e Pesquisa em Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- MASIP, Pere et al. Active audiences and journalism: Involved citizens or motivated consumers? **Brazilian Journalism Research**, v.1, n.1, p.234–255, 2015.
- MELO, José Marques de. **História social da imprensa**. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.
- _____. Quem sabe, faz a hora. In: **Ciências da Comunicação no Brasil 50 anos: Histórias para contar**. São Paulo: Fapesp/Intercom/Unesp/ECA-USP, 2015. p.198.
- _____; ASSIS, Francisco de. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2010.
- MEYER, Philip. **Os jornais podem desaparecer?** Como salvar o jornalismo na era da informação. São Paulo: Contexto, 2007.
- MOLINA, Matias. **História dos jornais no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 3.ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- _____. **Edgar Morin**: “Um mundo agoniza, mas um novo mundo ainda não consegue nascer” - depoimento [2 de julho, 2017]. Porto Alegre: Correio do Povo. Entrevista concedida a Juremir Machado da Silva. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/blogs/dialogos/?p=515>>. Acesso em: 5 jul. 2016.
- PASSOS, Mateus Yuri.; NERING, Érica Masiero.; CARVALHO, Juliano Maurício de. The Chudnovsky case: how Literary Journalism can open the “black box” of science. **Literary Journalism Studies**, v.2, n.1, p.27–45, 2010.
- PAULINO, Roseli Aparecida Figaro.; NONATO, Cláudia; GROHMANN, Rafael. **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista**. São Paulo: Salta/Atlas, 2013.
- PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.
- PERUZZO, Cicilia Maria Khroling. Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação participante à pesquisa-ação. **Estudios sobre las culturas contemporáneas**, v.XXIII, n.Especial III, p.161–190, 2017.
- RIO, João do. **As religiões do rio**. São Paulo: Nova Aguilar, 1976.
- RITTER, Eduardo. **Jornalismo gonzo e parresía**: mentiras sinceras e outras verdades. 2015. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- SHAKESPEARE, William. **Romeo and Juliet**. Pittsburgh: Collins Edition/Carnegie - Mellon University Press, 1998.
- SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo/Porto Alegre: Intercom/EdiPUCRS, 2011.
- TALESE, Gay; LOUNSBERRY, Barbara. **Writing creative nonfiction**: the literature of reality. New York: Harpercollins College, 1995.
- VIANA, Natalia. **São Gabriel e seus demônios**. Disponível em: <<http://apublica.org/2015/05/sao-gabriel-e-seus-demonios/>>. Acesso em: 21 out. 2016.
- VILAS-BOAS, Sergio. **Biografismo**: reflexões sobre as escritas da vida. São Paulo: Unesp, 2008.
- _____. **Perfis: o mundo dos outros**. 3.ed. Barueri, SP: Manole, 2014.
- WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Monica Martinez

Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), tem pós-doutorado pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e estágio de pesquisa pós-doutoral junto ao departamento de Radio, Televisão e Cinema da *University of Texas at Austin*. Tem mestrado em Ciências da Comunicação pela ECA-USP e graduação em Comunicação (Jornalismo) pela UMESP. É docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso), onde desenvolve pesquisas vinculadas à Linha Análise de Processos e Produtos Midiáticos e é líder do Grupo de Pesquisa em Narrativas Midiáticas (NAMI). É diretora científica da SBPJor (Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo), onde é colíder da Rede de Narrativas Midiáticas Contemporâneas, e coordenadora do GP de Teorias do Jornalismo da Intercom. No exterior, integra a IALJS (*International Association for Literary Journalism Studies*), a IAMCR (*International Association for Media and Communication Research*) e a ICA (*International Communication Association*). Seus interesses de pesquisa abrangem aspectos epistemológicos e metodológicos relacionados às narrativas, bem como Jornalismo Literário em variados suportes, dos livros-reportagem e documentários aos ambientes digitais. E-mail: martinez.monica@uol.com.br

Recebido em: 21.10.2016

Aceito em: 05.07.2017